



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E DA SAÚDE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

ANA JULIO JACINTO

**A EXPERIÊNCIA MIGRATÓRIA E ACADÊMICA NA TRAJETÓRIA DE VIDA DE
ANA JULIO JACINTO**

GOIÂNIA

2020

ANA JULIO JACINTO

**A EXPERIENCIA MIGRATÓRIA E ACADÊMICA NA TRAJETÓRIA DE VIDA DE
ANA JULIO JACINTO**

Narrativa de vivência apresentada ao Eixo Temático 38: Prática da Produção Científica II do Curso de Graduação em Enfermagem da Pontifícia Universidade de Goiás, com a finalidade de avaliação parcial no formato Trabalho Conclusão de Curso III.

Orientadora: Prof.^a M.^a Maria Aparecida da Silva

GOIÂNIA

2020

Ana Júlio Jacinto dedica este trabalho às suas filhas, Juliany Jacinto Bambe e Jussany Jacinto Bambe, que são suas melhores e maiores forças para a continuidade desta jornada acadêmica!

À sua comunidade de Benguela, sua melhor inspiração para atravessar o oceano!

Ana Júlio Jacinto

AGRADECIMENTOS

A DEUS por ter permitido que essa fase da vida de Ana Júlio se concretizasse com saúde e força para chegar até ao final.

A sua família pelo apoio que sempre lhe foi dado durante todo esse percurso e a todos que fizeram parte de sua jornada acadêmica e migratória.

A Prof.^a Maria Aparecida da Silva, orientadora de Ana Júlio, que não mediu esforços desde começo, pela dedicação ao seu trabalho e tê-la apoiado incansavelmente.

Agradecimentos também à Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás), à Coordenadora do Curso de Enfermagem, Profa. Vanusa Claudete Anastácio U. Leite e a todos os professores do Curso de Graduação em Enfermagem pela elevada qualidade do ensino oferecido.

As Prof.^{as} Isolina Rios, Damiana Aparecida, Andreia Souza, Zilah Neves, Fernanda Guilarducci, Marcia Cristina, Edilene Vianey, Prof. Gleidson Melo, Carlos Lima e Frank Castro, pela participação desta jornada com Ana Júlio.

RESUMO

JACINTO, A. J. A Experiencia Migratória e Acadêmica na Trajetória de Vida de Ana Júlio Jacinto. (TCC) Goiânia. Escola de Ciências Sociais e da Saúde. Curso de Graduação em Enfermagem. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2020.

Trata-se de uma narrativa de vivência de Ana Júlio Jacinto, uma estudante de nacionalidade africana que se desloca de seu país em busca de melhores condições de vida e oportunidades, tanto na área acadêmica quanto profissional. Neste relato Ana Júlio discorre, por meio do método narrativo algumas de suas histórias, experiências, desafios, barreiras, superação e conquistas desde a sua saída de Benguela, sua cidade natal para viver no Brasil. São abordados os seus primeiros contatos com a área da enfermagem, ainda em Angola, assim como suas percepções, suas interpretações e significados sobre os desafios da saúde em Angola. O objetivo desta narrativa é relatar a trajetória migratória e acadêmica na enfermagem como experiência de vida que possibilitou a Ana Júlio alcançar maturidade, confiança em si mesma e conhecimento para colaborar com outros acadêmicos africanos e estrangeiros a serem perseverantes para não desistir dos seus sonhos por causa das dificuldades e da falta de oportunidades no seu país. A partir da análise do conjunto das informações, a trajetória migratória e acadêmica na enfermagem de Ana Júlio Jacinto foi estruturada em três momentos distintos: a trajetória acadêmica anterior à chegada ao Brasil; a trajetória migratória e acadêmica no Brasil; a trajetória migratória e acadêmica na enfermagem – Brasil e; a trajetória quase final: vislumbrando novos caminhos. Face aos resultados, esta narrativa pode contribuir com reflexões e discussões sobre a importância do profissional enfermeiro para a comunidade de Benguela e acadêmicos africanos e de outras nacionalidades que enfrentam inúmeras dificuldades. Por isso reforça-se a necessidade de manter viva a persistência para realização de sonhos e objetivos na diáspora.

Palavras-chave: Migração. Ensino superior. Acadêmicos africanos. Enfermagem. Narrativa de vivência.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	05
1.1	A Motivação e o Contexto da Narrativa	05
2	CAMINHO PERCORRIDO PARA REALIZAR ESTA NARRATIVA	07
3	A TRAJETÓRIA MIGRATÓRIA E ACADÊMICA NA ENFERMAGEM	08
3.1	A Trajetória Acadêmica Anterior à Chegada ao Brasil	08
3.1.1	Família	08
3.1.2	Um Pouco do Cenário Natal	08
3.1.3	O Ingresso no Curso Técnico de Enfermagem e na Graduação em Benguela	09
3.1.4	Porque o Brasil	12
3.2	A Trajetória Migratória e Acadêmica na Enfermagem - Brasil	12
3.2.1	A Trajetória Migratória e Acadêmica - Brasil	12
3.2.2	Ana Júlio e o Curso de Graduação em Enfermagem da PUC Goiás	15
3.2.3	Ana Júlio - Gestação e o Nascimento de Juliany e Jussany	20
3.2.4	Relação com a Instituição, o Curso, Colegas, Professores e Funcionários da Academia	21
3.3	A Trajetória Quase Final: Vislumbrando Novos Caminhos	23
4	CONSIDERAÇÕES	26
	REFERÊNCIAS	27

1 INTRODUÇÃO

1.1 Motivação e o Contexto da Narrativa

Ter nascido em uma família grande com mais de 15 irmãos, além de primos, e sobrinhos, levou Ana Júlio a um sonho e grandes, desafios. Para a cultura africana a família não é simplesmente constituída de pai, mãe e filhos. Nesse caso, compartilhar do mesmo teto com parentes de terceiro grau não se torna problema, mais sim um desafio para os progenitores.

Desde a sua infância Ana Júlio sempre sonhou com algo melhor para minha família, principalmente na área financeira. Esse olhar também se estende aos cidadãos africanos, já que a maioria deles vive em condições precárias, tanto de recursos financeiros quanto de outras necessidades, como de saúde e educação. A ideia fixa de transformar essa realidade, a encorajou para sair da sua cidade natal, Benguela, e buscar oportunidades e melhores condições de vida, não somente para ela e sua família, mas também para a comunidade africana a qual ela pertence. Esse sonho levou-a atravessar o oceano em 2014 e hoje estar aqui no Brasil, tornando real parte do sonho que teve sua origem lá no passado quando criança.

A partir dessa breve reflexão, integrada às percepções da realidade frente a um número expressivo de pessoas que migram do continente africano em busca de melhores condições de vida para si e suas famílias, tem-se neste relato de Ana Júlio a possibilidade de refletir e relatar sobre os limites, desafios, perdas e conquistas em sua trajetória para realizar um sonho.

A partir da sua trajetória de migração para o Brasil e acadêmica na enfermagem, é que se estabelece a necessidade de pontuar algumas respostas e aspectos para a seguinte questão: *ao concluir a trajetória migratória e acadêmica na enfermagem no Brasil, quais as expectativas e perspectivas de Ana Júlio Jacinto ao retornar à sua cidade, olhando para uma população que necessita de melhores condições de saúde, já que 90% dela é pobre e sem acesso a saúde e tão pouco a serviços públicos de saúde adequados?*

Nesta perspectiva, o objetivo deste estudo é narrar a trajetória migratória e acadêmica na enfermagem como experiência de vida que possibilitou à Ana Júlio o preparo e a aquisição de competências, com vistas a auxiliar acadêmicos africanos a não desistirem dos seus sonhos.

A importância de escrever sobre a trajetória acadêmica universitária de Ana Júlio Jacinto, exigiu da mesma uma revisão do passado para lembrar os fatos mais importantes e significativos de sua vida no que diz respeito à cultura, migração e vida acadêmica. Esse

movimento de visitar sua história levam-na a refletir sobre si mesma e sobre suas dificuldades e conquistas em um espaço ágil.

2 O CAMINHO PERCORRIDO PARA REALIZAR ESTA NARRATIVA

Narrar é uma manifestação textual que apresenta um fato ou acontecimento marcante da vida de uma pessoa ou comunidade. Isso implica em sentir as emoções e sentimentos expressos pelo narrador, tudo dentro de um tempo e de um espaço. A composição de uma narrativa inclui começo meio e fim, devendo ser estruturada com os seguintes elementos: conjunto de fato, quem faz a ação tempo em que decorre a história, duração, espaço e o ambiente (SILVA; TRENTINI, 2002).

Ao contar uma história o indivíduo tem a responsabilidade com a expressão simbólica e de como ela funciona, não apenas se referindo ao passado mais sim à luz do presente e futuro, permitindo que a história seja contada e recontada de várias maneiras sob diferentes pontos de vista. Essa forma de abordagem caracteriza-se como método narrativo que se apresenta sob diferentes tipos, tais como: as narrativas breves, narrativas de vivências e narrativas populares. As narrativas de vivências (como a que se apresenta aqui) são aquelas que contam histórias de personagens, incluindo vários episódios de sua vida colocando-os em sequência do seu acontecimento, como será realizado neste relato (SILVA; TRENTINI, 2002).

Frente à compreensão das características de como deve ser e como realizar uma narrativa de vivência, nesta adotou-se e respeitou-se todos critérios desse tipo de abordagem que registra a trajetória migratória e acadêmica de Ana Júlio Jacinto, antes de migrar para o Brasil, durante o período de permanência neste país e as perspectivas para o futuro.

O conteúdo da trajetória migratória e acadêmica passou por uma categorização temática apresentado no seguinte formato: a trajetória migratória e acadêmica que antecede ao ingresso no Curso de Graduação em Enfermagem na PUC Goiás, Brasil; a trajetória migratória acadêmica durante a permanência no Brasil e; a trajetória migratória e acadêmica quase final: vislumbrando novos caminhos.

Toda a narrativa é apresentada por meio do relato na terceira pessoa, contendo informações sobre o que foi e o que significou essa trajetória, considerações, recomendações e aconselhamentos aos estudantes que deixam seus países e familiares para estudarem em outros países. A partir do conteúdo que compõe a trajetória migratória e acadêmica de Ana Júlio Jacinto, é possível apresentar uma narrativa interpretativa que represente a síntese da sua experiência ao longo dos seus trinta anos, sendo seis deles no Brasil, realizando o sonho de ser enfermeira.

3 A TRAJETÓRIA MIGRATÓRIA E ACADÊMICA NA ENFERMAGEM

3.1 A Trajetória Acadêmica Anterior à Chegada ao Brasil

3.1.1 Família

Criada no seio de uma família amorosa, cujos valores mais importantes são o respeito ao próximo e a honestidade, brincava e estudava com crianças de vizinhos de diferentes classes sociais e étnicos e assim, desde cedo Ana Júlio aprendeu a não julgar ninguém por sua condição social, religiosa ou étnica. Nesse clima passou sua infância preservada das turbulências inevitáveis que muito provavelmente, ocorreram no seio familiar e social da época. Aos seis anos Ana Júlio ingressou no ensino primário até ao secundário indo para o Ensino Médio em 2006 no Colégio Cria da Catumbela, culminando com êxito em 2009.

De sua mãe Ana Júlio é filha única com um “monte” de irmãos por parte de pai. Sempre sonhou com algo melhor pra minha família e imigrar para qualquer lugar do mundo onde pudesse tornar seu sonho em realidade. Cresceu com sua avó materna junto com outros primos até aos 12 anos. Assim como com seus primos passavam dias, às vezes noites em casas de suas tias até que um dia, em 12 de agosto de 2002, uma tragédia assolou sua família. Suas tias sempre faziam viagens interestadual. Sempre que voltavam, depois de alguns meses se reuniam em suas casas. Em uma noite chuvosa houve um deslizamento de terras e duas primas de Ana Júlio perderam suas vidas, sendo soterradas.

O que seria um Domingo de Páscoa tornou-se um domingo de luto e dor. Alguns meses depois mais uma perda, o primo de Ana Júlio faleceu em decorrência de uma cirurgia não bem-sucedida. Diante disso, seus pais resolveram voltar e fixar definitivamente em Benguela. Sua mãe continuou como trabalhadora autônoma e seu pai arrumou emprego em uma empresa onde se encontra até hoje.

Até aos 18 anos seus pais ainda tinham condições financeira estabilizada, pois eles se mudaram para outro estado muito cedo em busca de melhores condições de vida para sua família. É nesse cenário que vive o jovem pobre, em país que se diz em desenvolvimento, mas que não facilita em nada para que o jovem tenha um futuro promissor. É nesse contexto que vive o jovem pobre com a frustração, morando em lares aglomerados de familiares e parentes.

3.1.2 Um Pouco do Cenário Natal

Benguela é uma das 18 províncias de Angola, localizada na região central do país, cuja capital é o município de Benguela. Segundo as projeções populacionais de 2018, essa capital

conta com uma população de aproximadamente 2.477.595 habitantes em uma área de 39.827 km², considerada a província mais populosa da faixa central da nação (INE/ANGOLA, 2018).

No que diz respeito à composição da rede sanitária da cidade de Benguela, a mesma é constituída de 26 Centros de Saúde, um Centro Materno-infantil, 10 Hospitais municipais, três Hospitais provinciais, 140 Postos de Saúde e Sanitárias, perfazendo um total de 176 infraestruturas sanitárias. Além desses, a população em geral conta com mais sete unidades de saúde não tipificáveis, ou seja, não cadastradas, ainda não inauguradas (ANGOP, 2018).

De acordo com Angop (2018) morrem nos hospitais cerca de cem ou mais pessoas por dia em Benguela/Angola. Entre as dificuldades, Benguela enfrenta a escassez de medicamentos e de recursos humanos, bem como a falta de material logístico nos hospitais públicos que continuam a provocar a morte de várias centenas de doentes, sobretudo crianças. Situação que ocorre em todo estado, assim como em seus municípios, razão pela qual Ana Júlio chega a essa reflexão e que a fez sair em busca de melhores condições para ela, sua família e sua comunidade.

A província de Benguela tem um déficit de 88% de médicos, havendo apenas 1,2 médicos para cada 10.000 habitantes. Em consequência disso, diariamente, evidencia-se, um pouco em cada unidade sanitária provincial, o aumento da demanda de pacientes que afluem, bem como as “infundáveis” horas de espera para se ser atendido (ANGOP, 2018).

Sabe-se que o déficit de médicos assim como outros vários problemas identificados no setor da saúde ocorre no território nacional. Entre as carências desse setor predominam a escassez de recursos humanos. O que se verifica é um desrespeito àquilo preconizado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) que é um médico para cada 1.000 habitantes. Além da insuficiência de profissionais de saúde, os enfermeiros estão em melhores quantitativo, pois existe cerca de 12,7 enfermeiros para cada 10.000 habitantes, o que nesse caso também contrariam as recomendações da OMS de um enfermeiro para cada 1.000 cidadãos (ANGOP, 2018).

3.1.3 O Ingresso no Curso Técnico de Enfermagem e na Graduação em Benguela

O sonho de ser enfermeira, começou quando Ana Júlio ainda morava em Angola e sempre cuidou de crianças de seus vizinhos e da família. Em 2008, já com 18 anos ela foi contemplada com um curso básico de enfermagem pela minha mãe. No decorrer do curso seu sonho pela enfermagem só crescia, principalmente durante aulas práticas de terapia intensiva, ortopedia e de maternidade. Quando ainda na disciplina de Unidade Terapia Intensiva (UTI) ela se identificou ainda mais com a enfermagem ao cuidar de uma menina de cinco anos de

idade doente com enterocolite necrosante. Naquele dia, o plantão durou cerca de quinze horas e a menina passou a noite gritando, dizendo que via coisas e que não conseguia dormir, parecia delírio. Em alguns dos hospitais não há separação entre UTI infantil e adulto, são todos juntos e misturados, sem contar a insuficiência de biombo.

Aquela noite foi cansativa, na qual a mãe da menina pedia por socorro para não abandonar a sua criança porque a mesma chorava a noite toda. Pela manhã, no horário da higiene pessoal dos pacientes e troca de plantão Ana Júlio ainda permanecia lá ajudando a família e também, porque queria acompanhar o desenrolar dos fatos. A menina pedia para ver a mãe, mas por normas da UTI, era impossível. A mãe do lado de fora pela janela acompanhava tudo. No decorrer da visita, o médico solicitou uma hemotransfusão para a menina que iria para o Centro Cirúrgico, porém o hospital não disponibilizava de nenhuma bolsa sangue. Isso aumentou mais a dor e aflição de Ana Júlio ao ponto de providenciar doadores urgente. Apesar dos seus esforços em busca de doadores, a menina não sobreviveu.

Ao retornar ao Posto da UTI, Ana Júlio se deparou com a imagem triste e dolorosa que, ainda hoje está viva nas suas lembranças. Comunicar o óbito aos familiares foi mais difícil. Pouco menos de 24 horas Ana Júlio já estava totalmente envolvida com a família daquela criança. Por essa razão alguns membros da equipe acharam melhor que Ana Júlio comunicasse o óbito. Ao mesmo tempo sentia dor, raiva e o desânimo a consumiam, porque ela queria ter ajudado mais.

Enfim, conseguiu falar com o pai da criança, e ele mesmo, apesar da dor, agradeceu a Ana Júlio pelo esforço e dedicação no trabalho feito. Ana Júlio foi para casa amargurada e naquele momento ela entendeu que queria ser enfermeira e que ela precisava lutar por sua comunidade, já que os hospitais não disponibilizam de materiais básicos e insumos, decorrentes da má governação e corrupção. Nesse mesmo Hospital ela atuou em outras áreas, como em Ortopedia e Maternidade. Em cada uma delas uma nova experiência e desafios, mas a falta de humanização e empatia faltavam em todas.

Outro dia deu entrada no setor de urgência um paciente que, aparentemente tinha seus 18 a 19 anos, com um dos membros superiores dilacerado, porém osso ainda intacto, por ataque de jacaré em rio da redondeza. Ana Júlio ficou indignada, pois os médicos, como de costume na sua região, só atendem paciente com urgência se for de renda média a alta. Infelizmente, esse jovem por não pertencer à uma classe mais abastada, o seu atendimento foi um pouco mais demorado. Quando esse jovem foi encaminhado ao centro cirúrgico, pelo tempo decorrido do acidente e o procedimento de urgência, sofreu amputação do braço em menos de 48 horas, recebendo alta meses depois.

Para Ana Júlio essa experiência foi muito triste, infelizmente um rapaz jovem e cheio de vitalidade, mas que por falta de recursos financeiros, ser maltratado e perder um futuro cheio de possibilidades. Alguns meses se passaram e ela o reencontrei como cobrador de taxi e em uma nova condição, dependente químico.

Nas Maternidades Públicas, também acontecem os mesmos problemas. Infelizmente a falta de humanização e a empatia por falta dos profissionais com as mães adolescentes e mulheres na faixa etária de 39 a 40 anos são as que mais sofrem com as agressões psicológicas. Já as adolescentes sofrem por engravidar precocemente e por serem deixadas mais tempo em trabalho de parto. Segundo os profissionais “é para elas aprenderem, pensarem direito e planejarem direito uma segunda gestação, assim como as mulheres acima dos 30 anos de idade”.

Em 2008, aos 18 anos, Ana Júlio iniciou seus primeiros contatos com a enfermagem, por meio do curso Técnico de Enfermagem e como voluntária em uma organização não governamental, Missões Sem Fronteiras de 2010 até o primeiro semestre do ano 2014. Percebendo a necessidade da população e a sua vontade de adquirir mais conhecimentos, em 2013 Ana Júlio tomou a decisão de ingressar no Curso de Graduação em Enfermagem do Instituto Universitário *Jean Piaget* em Benguela.

Por falta de condições financeiras, Ana Júlio trancou a graduação iniciada em 2013 e retomou em 2014 no primeiro semestre e novamente, no Primeiro período. Nessa época programara sua viagem para o exterior porque estava desempregada e sua mãe sem condições monetárias para custear o meu curso durante os quatro anos. Diante disso, teria que se virar sozinha financeiramente. Foi aí que Ana Júlio resolveu dar aulas particulares no Ensino Primário para crianças de cinco a dez anos. Nas aulas ela usava seus próprios materiais escolares e os auxiliava em seus trabalhos de casa, além de revisar as matérias lecionadas pelos professores em suas escolas. Assim Ana Júlio começou a receber algum dinheiro que a ajudaria no futuro.

Com os valores arrecadados e outros que recebia de ajuda da Igreja e de amigos, Ana Júlio conseguiu tirar o visto, comprar a passagem, adquirir a vacina internacional da Febre Amarela (FA). Essa, geralmente só é feita em pessoas que estão prestes a sair do país e, naquela época o governo não disponibilizava a vacina na rotina das unidades ou fora de campanha de vacinação.

Do montante arrecadado, restaram apenas 25 (US\$) que, convertido em real (R\$) na época dava 50,00 (R\$). Apesar desse pouco valor, Ana Júlio prosseguiu com o sonho de estudar em outro país, se graduar em enfermagem e regressar à sua cidade natal para ajudar

sua comunidade em Benguela e família, principalmente os que não têm condição para adquirir um tratamento de saúde digna.

3.1.4 Porque o Brasil

Em 2010 Ana Júlio ingressou na ONG Evangélica Missões Transculturais fundada nos Estados Unidos da América (EUA), tendo suas bases plantadas em mais de 50 países, inclusive em Angola. Nesse país, quando tomou conhecimento da mesma Ana Júlio ingressou e permaneceu por quatro anos, trabalhando como voluntária com crianças e idosos na área de educação em saúde.

Essa mesma ONG disponibilizava de um laboratório que funcionava somente para diagnóstico da malária para comunidade que não tinha meios financeiros para pagar o exame em hospital. Essa ONG recebia voluntários de várias nacionalidades, inclusive do Brasil, além desse ser cofundador. Trabalhar nessa organização como voluntária aproximou Ana Júlio e a fez desenvolver um amor e interesse por este país. A sua vinda para o Brasil, foi bastante influenciada pelo contato com alguns poucos brasileiros desde Angola e não por pesquisas acerca do país ou da cultura e do modo de vida.

Além disso, nota-se a inclusão de estudantes africanos e estrangeiros imigrantes nas instituições brasileiras nos últimos anos, principalmente por meio de convênios governamentais de países de origem e migratória, propiciando a eles o acesso ao ensino superior.

3.2.1 A Trajetória Migratória e Acadêmica - Brasil

Face ao desejo de melhores condições de vida, de transformar a realidade financeira, de educação e de saúde, muitos indivíduos deixam seus países, acreditando com uma nova vida digna e com qualidade. Sonhar com saúde decente, educação e saúde para todos, foi o motivo pelo qual fez Ana Júlio Jacinto deixar seu país para realizar esse sonho, se tornando mais uma imigrante, entre tantos estudantes que passam pelos mesmos desafios.

É comum observar que há um grande processo migratório de pessoas que deixam seus países em busca de melhores condições de vida. Apesar disso, o ato de migrar não afeta apenas aqueles que se deslocam geograficamente, mas também os descendentes e demais pessoas do novo convívio social. As migrações ocorrem por diversos fatores e podem ser voluntárias ou forçadas. Assim,

Desde o início da humanidade até os dias atuais, as migrações contribuíram na formação das sociedades por diversos motivos, por questões econômicas, culturais, religiosas, políticas e ambientais. Homens e mulheres, ao longo da história, migraram de seus países de origem, tornando-se imigrantes nos países acolhedores (GIROTO; PAULA, 2020, p. 164).

As migrações voluntárias estão voltadas para a busca de melhores oportunidades e condições de vida em outros territórios. Já os casos de imigrações involuntárias são compreendidos como aquelas migrações que são forçadas, as quais ocorrem com pessoas em situação de vulnerabilidade (GIROTO; PAULA, 2020, p. 165).

O primeiro caso trata-se de ações planejadas e escolhidas. No segundo caso, são ações emergenciais e, na maioria dos casos, trata-se de questões vitais. Sendo assim, a migração tem grandes impactos no desenvolvimento da saúde, bem como possui um fator primordial no desenvolvimento social e na atuação dos profissionais que necessitam de qualificação para adequarem às demandas tecnológicas, entretanto, seus impactos negativos refletem diretamente no aparecimento de doenças, no crescimento populacional sem planejamento, além dos impactos ambientais que refletem na saúde (CORREIA, 2012).

Segundo alguns autores a África é considerada “o berço da ancestralidade humana, terra sagrada de todos os deuses e orixás”, onde a sua organização sempre se deu com os “primitivos reinos agropastoris com o avançado desenvolvimento das suas forças produtivas, caracterizando-se como amplo mosaico étnico, político, religioso e cultural” (BAPTISTA; 2007, p. 110).

De acordo com os dados do Sistema Nacional de Cadastro e Registro de Estrangeiros (SINCRE), o número de imigrantes no mundo passa de 250 milhões de pessoas, das quais, menos de um milhão se encontram no Brasil. Nesse cenário, esse país abriga cerca de 940 mil imigrantes permanentes, sendo menos de 0,4% da população migrante no planeta. Com o fluxo maior de senegaleses, ganeses, congolezes, angolanos e nigerianos (POLICIA FEDERAL, 2015).

Quando diz respeito à imigração do tipo voluntária em busca de oportunidades de vida para posteriormente poder se associar financeiramente, Senegal e Gana optam por esse tipo, assim como os congolezes. A única diferença é que o Congo se encontra em guerras civis até os dias de hoje é economicamente devastada dificultando o desenvolvimento do país e da população. A migração voluntária é reconhecida quando o indivíduo planeja, por sua livre vontade migrar do seu lugar de origem para outra região, independentemente de qualquer motivo, seja cultural, acadêmica (como no meu caso), política, econômica entre outras (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 2017).

Por outro lado, os angolanos e nigerianos, na sua maioria, uma parte imigra por conta de convênio estudantis de Universidades Federais e particulares-Universidade da Integração internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) Programa estudantil convênios de pós-graduação criado em 1981 (PEC-PG). Nesses convênios são oferecidas bolsas de estudo para nacionais de países em desenvolvimento com os quais o Brasil possui acordo de cooperação cultural e educacional par formação Universitário (UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA, 2020).

Assim como outras pessoas que imigram por conta própria sem convênios ou acordos, mas simplesmente para ir em busca de melhores condições de vida, realização de um sonho de ser diplomado em uma Universidade e poder regressar à seu país e contribuir com sua nação de origem (UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONALDA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA, 2020).

No que diz respeito à distribuição dos estrangeiros africanos no Brasil, os mesmos estão distribuídos em diversos estados, mas principalmente em São Paulo com 406 indivíduos, Ceará com 311, Acre com 272, Rio de Janeiro com 259 e, Rio Grande do Sul com 143 africanos. Os senegaleses lideram com uma população de 1.628, sendo a maior concentração de entrada em São Paulo (BAENINGER *et al.*, 2017).

Com relação aos ganeses que representam um total de 534, entraram preferencialmente por São Paulo com registro de 362, os municípios que apresentam maiores números de residência foram: Brasília, São Paulo e Criciúma. A República Democrática do Congo-RDC, representam o segundo maior com um total de 1069, entrando por São Paulo e Rio de Janeiro com valores de 771 e 265. Os municípios com maior representatividade de residentes São Paulo, Rio de Janeiro, Belo horizonte, e Duque de Caxias (BAENINGER *et al.*, 2017).

De acordo com Sayad (2010 *apud* CUNHA, 2015, p. 21171), sobre “os problemas enfrentados pela pessoa que decidiu buscar melhores condições de vida em um novo lugar”, a preocupação deve ser com a do migrante, pois além do processo de migração em si, esse indivíduo “carrega consigo uma história, uma cultura, uma individualidade”. A atenção deve estar voltada para o que acontece com este indivíduo depois do processo de mudança espacial (em um país como imigrante) em conflito, principalmente, com o que ele deixou para trás (sua condição de emigrante no país de origem). Diante disso, vale refletir sobre o sentido da migração, que às vezes as perdas são maiores do que os ganhos para o indivíduo.

Portanto, são necessárias políticas públicas de inclusão direcionada ao multiculturalismo, em que os estudantes imigrantes de diversas nacionalidades possam, juntamente com os

estudantes de enfermagem brasileiros, incorporar uma cultura global, que lhes permita aprender a lidar com as diferenças e a respeitar os costumes de quaisquer povos, na convivência ou não com a diversidade (CUNHA, 2015).

3.2.2 Ana Júlio e o Curso de Graduação em Enfermagem da PUC Goiás

No dia 14 de junho de 2014 às 18h, ao chegar em São Paulo/Brasil, após 14h de viagem Ana Júlio tomou um ônibus para Goiânia, onde ficou hospedada na organização não governamental (ONG) Missões sem Fronteira, a qual deu suporte desde a saída do seu país. Após, 30 dias de estadia nesta cidade Ana Júlio foi para Redenção do Pará/Brasil, depois para Rondônia/Porto Velho e permaneceu por cerca de três meses, contando com o apoio da mesma ONG.

De volta a Goiânia Ana Júlio resolveu se estabelecer e começou a busca por uma Universidade. Como estava no meio do ano decidiu iniciar sua trajetória por aquela que estava com o vestibular em curso e para ela fez sua transferência, para iniciar, no semestre seguinte, o Curso de Graduação em Enfermagem na PUC Goiás. Ana Júlio confessa que no começo foi muito difícil porque precisava trabalhar para me estabilizar e pagar a faculdade.

Quanto ao Curso de Graduação em Enfermagem da PUC Goiás foi criado em 1941, portanto há 78 anos e foi o primeiro da área da saúde no Estado de Goiás. Com 4.020, fornece as bases tecnológicas, científicas, ideológicas instrumentais necessárias à formação inicial do Enfermeiro, além de propiciar os conhecimentos culturais, científicos, técnicos, tecnológicos, éticos, sociais e políticos para construção e desenvolvimento das competências e habilidades expressas no perfil dos futuros Enfermeiros, com duração de cinco anos ou dez semestres (PUC GOIÁS, 2013).

O projeto pedagógico do curso (PPC) é atual, cuja estrutura curricular permite a integração horizontal e vertical dos conteúdos, especialmente, por meio das Atividades Integradoras em cada Módulo, que promove a socialização e a integração do conhecimento, habilidades, atitudes e competências adquiridas no decorrer das atividades teóricas, laboratórios, práticas e estágios supervisionados (modalidade de Internato I e II) no último ano do curso. O curso é vinculado à Escola de Ciências Sociais e da Saúde, gerida por um diretor, secretários e as demais coordenações dos outros cursos, incluindo a da Enfermagem (PUC GOIÁS, 2013).

Em geral, as aulas são realizadas com apoio de metodologias ativas desde o primeiro ao décimo Módulo. As aulas são divididas em preleção, laboratório, prática e estágios. As aulas de preleção acontecem diariamente no turno matutino e noturno a depender da turma de

matrícula do aluno com duração de 90 minutos cada encontro com o professor. Os Planos de Ensino de cada Unidade/Eixo Temático são disponibilizados na plataforma da PUC, por meio do professor, onde cada aluno tem acesso livremente para ter ciência e acompanhar o desenvolvimento do semestre letivo. Nos planos são descritos a carga horária, ementa, objetivos, competências e habilidades, conteúdos, atividades externas da disciplina (AED), metodologia do ensino aprendizagem, cronograma e avaliações.

Do primeiro ao quarto Módulo, parte da carga horária é destinada aos diversos laboratórios de anatomia, fisiologia, farmacologia metodologia do cuidar I e II, Saúde do adulto I e II, Atenção a saúde em situações de Urgência e Emergência, Saúde materno Infantil. Nesses os o acadêmico tem a oportunidade de associar a teoria à prática, entre outras disciplinas de humanidades que fornecem a base geral do conhecimento ao futuro enfermeiro. No Laboratório de Habilidades equipado com todos os materiais sintéticos de simulação ficam disponíveis para o aluno praticar as técnicas junto com o professor ou durante a monitoria.

Do quinto ao oitavo Módulo, as aulas práticas são realizadas nos cenários das Unidades Básicas de Saúde (UBS) e na rede hospitalar conveniadas com a PUC, onde os professores acompanham e supervisionam os alunos em pequenos grupos, como por exemplo: na clínica e cirúrgica (realização de curativos de drenos, cuidados com sondas, administração de medicamentos); processos críticos, processos mentais (com práticas em Centro de Atenção à Saúde Psicossocial), processos infecciosos (com atuação em hospital especializado doenças infecciosas e dermatológicas), saúde da criança e do adolescente, saúde da mulher (atuação em UBS e maternidade), entre outras demandas de procedimentos de enfermagem, que se iniciam desde o primeiro Módulo até findar o curso com uma atuação mais intensa e autônoma.

Os três primeiros anos foram os mais difíceis da faculdade, a adaptação em tudo a “matava”, com a cultura, correria e a saudade de casa. A cada semestre, novos desafios e, em todos eles Ana Júlio encontrava um anjo (coordenação, professores e alguns colegas) que a ajudavam dando forças para continuar e não desistir dos seus sonhos.

No primeiro e segundo anos do curso foi difícil por conta da adaptação no país, a cultura e o método de ensino e a condição financeira. Nessa fase Ana Júlio já não era mais integrante da ONG, porque já não tinha mais condições financeiras e nem mantenedores para o pagamento das mensalidades da mesma. Foi nessa fase também que passou por seu pensamento a desistência, mas nem dinheiro para voltar ela tinha, o que a levou à procura de emprego que demorou aproximadamente um ano para conseguir.

Sem dinheiro para passagem e nem para ir à faculdade Ana Júlio faltava muito às aulas e atrasava bastante. Do nada ela teve a “brilhante” ideia de fazer um bilhete em terminais e em pontos de linhas dos eixos com seguinte frase: “não tenho passagem nem dinheiro para comprar uma, você pode me ajudar por favor”! Ana Júlio fez isso durante seis meses e a cada dia mudava de ponto para não ser reconhecida.

Um dia ela foi morar com uma família em outro município, fora de Goiânia, com a qual Ana Júlio mantém boas relações e se tornou sua família, com a qual morou durante um ano até se estabilizar. Nessa fase uma colega ficou sabendo da condição de Ana Júlio, e sensibilizada se disponibilizou a dar carona, já que elas moravam na mesma cidade. Essa nova amiga, o pai e o tio dela, não mediram esforços para ajudar Ana Júlio com o transporte, isso durante seis meses.

Tudo isso a deixava frustrada e com bastante desânimo, ao ponto de querer voltar para sua terra natal para perto da sua família. Nunca foi o seu forte depender de outras pessoas, sempre lutou por aquilo que realmente acredita. Um dia uma professora chamou Ana Júlio ao final da aula para saber o que estava acontecendo com ela. Sua conversa com a professora naquele dia foi como um “bálsamo para sua alma”, o que motivou Ana Júlio para prosseguir e continuar com o projeto que um dia sonhou.

Apesar das dificuldades, Ana Júlio mergulhou na primeira na vaga que encontrou para trabalhar. De segunda à domingo sem horários fixos de saída e, na maioria das vezes ela saía às três horas e tinha que levantar as seis para chegar às 7 horas na faculdade.

Entre o terceiro e o quarto ano de graduação, Ana Júlio trancou a faculdade, reingressando no semestre seguinte. Foi muito difícil para ela, pois não havia outra alternativa. Ao reingressar no curso, iniciou com uma nova turma do noturno. A experiência acadêmica frente aos desafios do turno e a convivência com os novos colegas, foram aos poucos sendo superados. Conviver e integrar com cada um deles, com suas personalidades e diferenças, porém uma turma acolhedora, responsável, na sua maioria chefes de família, o que levou Ana Júlio a se identificar com eles, turma com a qual finaliza a sua graduação.

Depois de três anos e seis meses trabalhando, Ana Júlio teve que sair do trabalho e viver do seguro desemprego e trancar a faculdade por um semestre para cuidar das suas crianças recém-nascidas. No semestre posterior retornou já para o período noturno. Nesse, os professores eram mais tranquilos e compreensivos com relação as aulas e trabalhos, além dos colegas que também se mostravam todos maduros e responsáveis, apesar das “panelinhas”.

Certo dia outro professor disse à Ana Júlio que é preciso estudar mais para ser excelentes profissionais de saúde e não depender de “empurrões” de professores que ficam

com dó dos problemas dos alunos e que o mesmo havia passado pelas mesmas dificuldades que muitos passam. Ele também estudava e trabalhava e nunca precisou de ajudas de professores e por mais que precisasse, não demonstrava e que corria atrás e fazia a coisa acontecer, por conta disso tudo chegou onde está hoje profissionalmente.

Naquele momento, Ana Júlio refletiu muito com aquelas palavras, pensando até onde ela estava sendo empurrada pelos professores e a sensação mais forte foi a de ter a certeza de que tudo que ele havia falado não tinha mencionado ter trabalhado para pagar o aluguel e suas despesas de casa ou para sobreviver e ajudar familiares que deixou em outro país. Depois da reflexão, Ana Júlio percebeu que precisava continuar se esforçando para conseguir realizar o que realmente a fez atravessar o oceano.

Já no nono e décimo Módulos (último ano), concentram-se a produção científica com a elaboração de projeto no nono e realização da pesquisa no décimo (Trabalho de Conclusão de Curso). É o ano em que o acadêmico assume com mais autonomia nos campos de atuação sob supervisão direta de docentes e enfermeiros colaboradores no campo, caracterizando o Estágio Supervisionado I, na Estratégia Saúde da Família (ESF), nos Centros de Atenção Integrada à Saúde, e o II na rede hospitalar, tanto pública quanto privada.

A fase dos estágios foi a que a mais encantou Ana Júlio, amava porque os grupos eram menores de sete a oito alunos. Agora, ela conseguia aprender mais e falar um pouquinho, já sabendo que seriam poucos rindo do seu sotaque, ela se sentia segura e com muita vontade de aprender e dar o meu melhor de si, porque colocara em sua cabeça a maior responsabilidade da enfermagem e a importância dela para si.

No quinto ano, correspondente ao Estágio Supervisionado (Internatos I e II), fase final, Ana Júlio tomou a decisão de abreviar o curso fazendo os dois semestres em um. Isso aumentou mais o seu desafio nessa jornada, cursando o Internato I pelo regime letivo remoto extraordinário (RLRE) por causa das restrições contra a pandemia pela Covid-19, e o Internato II já presencial. Nesta fase Ana Júlio aprendeu bastante, porém ao mesmo tempo ela tinha muito medo, até porque o professor fazia supervisão de outros alunos e ela se sentia insegura para realizar procedimentos, esclarecer dúvidas.

No começo do Internato II para Ana Júlio foi muito estressante porque foi uma fase de medo e descoberta se era essa área que ela realmente queria. Em sala de aula frisou-se bastante em ética profissional que, na maioria da prática ela não viu muito isso, principalmente quando presenciou um paciente em parada cardíaca. Das três paradas cardíacas que ela vivenciou não foi uma boa experiência. A não aglomeração no isolamento, não justifica a forma como tudo aconteceu. A intubação era só com os médicos e residentes de

medicina em toda sala e era uma correria na hora da reanimação cardiorrespiratória (RPC), os “médicos gritando” para ensinar os residentes e a falta de medicamentos que a farmácia não disponibilizava sem a prescrição médica. Mas no final dava tudo certo, Ana Júlio aprendeu com um professor que nessa fase é preciso manter sempre a calma para um melhor procedimento.

Na terceira semana do Internato II Ana Júlio já se sentia segura e confiante, já fazia alguns procedimentos sozinha como as visitas, prescrições e até mesmo apresentação de um seminário, no qual finalmente, ela recebeu elogios do seu professor e colega. Passou duas sondas sozinha, uma sonda vesical de demora e de alívio, além de ter feito uma aspiração e uma pulsão periférica.

Um dia desses o Posto de Enfermagem na área de clínica estava sem enfermeiro e Ana Júlio teve que assumir, com auxílio de uma enfermeira de outro Posto área cirúrgica e a equipe de técnicos de enfermagem. No começo Ana Júlio sentiu “um frio na barriga”, porém se manteve confiante e firme, conseguiu manter a estabilidade do Posto até finalizar seu horário. Mais uma vez ela pode entender a importância dos trabalhos e deveres do enfermeiro que não se embasam apenas em cuidados patológicos.

Ana Júlio encaminhava os pacientes para exames, ligava para o laboratório confirmando os exames e horários, ligava solicitando maqueiros, além de acompanhar alta, e ainda verificar os pedidos de exames que chegavam. Ela pode dizer que, conseguiu viver seu “dia de rainha na enfermagem”. Nesse dia Ana Júlio saiu dessa demanda convicta de que essa é a enfermagem que realmente ela quer e foi feliz para casa. O maior medo de Ana Júlio era ser necessário voltar e ser chamada a atenção porque estaria tudo errado, por isso dava tudo o seu melhor e ficava bastante atenta. No dia seguinte estava tudo bem e finalmente tudo havia corrido bem.

Com a realização do curso, hoje a visão de mundo e a relação de Ana Júlio com a Enfermagem é outra, pois para ela é possível compreender que o enfermeiro cuida do cliente de forma integral e não fragmentada e considerando a família e seus históricos. Para garantir esse cuidado integral, é necessário investir em capacitação continuada e ao cuidar do paciente lembrar que ele é um filho, irmão, esposo e que por mais que se encontre em condições fragilizadas, ele ainda faz parte de um núcleo familiar.

Quanto ao acolhimento na PUC Goiás, Ana Júlio considera que foi bem acolhida. Teve o privilégio de conhecer o Reitor pessoalmente, uma pessoa de muito amor e luz, a quem ela “ama de paixão”. Em seu país só se conhece o Reitor da Universidade por meio de

suas rubricas. Aqui a Coordenação de curso nunca a abandonou e sempre procurava saber como estava indo com o curso, sua vida, se estava tudo bem ou tendo alguma dificuldade.

3.2.3 Ana Júlio - Gestação e o Nascimento de Juliany e Jussany

Em junho de 2017, um novo acontecimento durante a jornada acadêmica de Ana Júlio, uma gravidez gemelar, que apesar de ter sido uma gestação tranquila e sem intercorrências, gerou preocupação por parte de muitas pessoas do seu convívio, incluindo seus colegas e professores, dos quais Ana Júlio teve a grata surpresa do chá de fralda organizado por suas minhas amigas de sala: Marcella Montello, Luana Damasceno, Alexia Silva e Brenda Silva.

Poucas amigas, porém, verdadeiras, mas Ana Júlio sempre foi de poucas amizades. Nunca pensou que faria amizades durante a faculdade. Continuar com essas amigas e que elas seriam tão importantes na sua vida. Com o direito à licença à maternidade, Ana Júlio comparecia apenas às aulas de laboratórios e aulas práticas, suas filhas ainda bebês e ela teve que continuar estudando e trabalhando. Tudo foi ficando muito apertado, desgastante e estressante. Novamente Ana Júlio se viu obrigada a interromper a faculdade por mais algum tempo.

O mundo de Ana Júlio desmoronou. Ela pensou que não conseguiria retornar, porque o que mais ouvia dizer era que “quando uma mãe larga a faculdade para cuidar do filho, acaba ficando por isso mesmo”. Porém, Ana Júlio contrariou essa ideia, retornando seis meses após. Suas amigas, mesmo estando um semestre adiantado, ainda continuaram apoiando com suas filhas. A partir dos três meses do nascimento, Ana Júlio levava uma das meninas para faculdade e deixava a outra em casa.

Quando Juliany e Jussany completarem o primeiro ano de vida, cada semestre era um desafio pois a partir daí Ana Júlio não tinha mais como deixar uma e levar outra, pois não tinha com quem deixar, já que o pai trabalhava e eles dependiam de um salário apenas para todas as despesas mensais e não tinham meios de pagar alguém para cuidar delas. Durante essa fase foi mais difícil, porque nem sempre todos os professores viam com bons olhos estar com dois bebês na sala de aula. Isso entristecia muito Ana Júlio, ao ponto de deixar a sala em lágrimas por se sentir humilhada frente aos comentários impertinentes de um ou outro professor. Isso apenas a tornava mais forte e que permanece até agora.

Ana Júlio contava sempre com o apoio das amigas, Alexia Silva, Brenda Silva, Luana Damasceno e Marcella Montello que, a ajudaram muito com as explicações de trabalhos, revisões nos laboratórios, na gestação e com suas filhas em sala, fora das aulas e da faculdade. Também os professores a apoiaram muito, quando ela cansada e às vezes dormindo

permanecia nas aulas. Todos a auxiliaram durante a sua gestação com suas duas meninas que ela precisava levar para a sala de aula consigo.

Ana Júlio sempre encontrou apoio na coordenadora curso desde o início do curso. Encaminhar a setores certos dentro da instituição, quando havia algum problema em sala de aula e em muitas outras situações, como por exemplo: problemas com financeiro, matrícula, abertura de processos, entre outras demandas durante o curso. Em geral, os professores a apoiavam também com os trabalhos durante a gestação, entrega de trabalhos fora dos prazos, aplicação de prova antes do horário previsto e, muito mais além daquilo que Ana Júlio possa registrar aqui. Apesar de todo esse apoio de colegas e professores, Ana Júlio perdeu as contas de quantas provas e trabalhos foram perdidos, que mesmo retardando um pouco o seu desempenho, ela reconhece que lutou até conseguir dominar a “onda e mergulhar sem medo”.

Como se vê a vida acadêmica de Ana Júlio não foi nada fácil, quando ela faz alusão à sua trajetória. Neste sentido, alguns autores destacam que a vida de mães estudantes procedentes de outros países é permeada de muitos sacrifícios, mas que as redes de apoio que são formadas e fortalecidas no decorrer do curso são essenciais para vencer as dificuldades. Também a instituição de ensino pode apoiar essa jornada por meio da realização de momentos de orientações sobre cuidados com a saúde, além dos cuidados com o bebê, entre outras práticas. No caso de Ana Júlio isso é percebido e experienciado por ela quando encontrou apoio da Instituição, representado nos professores, na coordenação de curso e nas colegas, hoje amigas (MELO *et al.*, 2018).

Vale ressaltar ainda que o acolhimento para o parto na rede do Sistema Único de Saúde (SUS), na Maternidade Nascido Cidadão possibilitou tranquilidade e confiança à Ana Júlio. Para alguns autores, os serviços de saúde brasileiros, quando comparado com a maioria dos países lusófonos, constata-se que o Brasil ocupa uma posição pioneira no que diz respeito aos serviços disponibilizados, além de humanizado, como enfatizado por suas entrevistadas, sobre o bom acolhimento oferecido no serviço público de saúde, resultando em satisfação de ter realizado o pré-natal sem ônus (MELO *et al.*, 2018).

3.2.4 Relação com a Instituição, o Curso, Colegas, Professores e Funcionários da Academia

De toda sua jornada na perspectiva de realizar um sonho, a mais difícil foi a trajetória acadêmica, pois Ana Júlio tomou muitos tombos até entender o que realmente a esperava e o que a fez atravessar o oceano. Sua saída de Angola sem pesquisar sobre o Brasil ou sobre as Universidades. Tudo que ela sabia era o que via nos canais de televisão e o que poucos

brasileiros diziam a ela, razão pela qual confiou e acreditou, até em quem não devia, porém era necessário “baixar a guarda”.

No começo do curso tudo que Ana Júlio falava era motivo para que os colegas achessem graça, riam e ela não entendia porque. Mas logo ela foi entendendo que isso ocorria porque ela falava pouco na sala de aula, ficava na última fila, não gostava de apresentar trabalhos, os quais em sua maioria, eram feitos manuscritos. Um dia uma professora conversou com ela para saber porque ela se isolava e, foi aí que para sua surpresa a professora lhe disse que os colegas não riam dela, achavam graça do seu “sotaque lindo e engraçado”.

Cada vez que Ana Júlio ingressava em um novo Módulo do curso, o mesmo episódio se repetia. No sétimo Módulo, por exemplo, ao apresentar um trabalho em seminário, os colegas riam. Foi naquele momento que Ana Júlio tomada de atitude, simplesmente avisou que se isso voltasse a acontecer ela os denunciaria, porque ela não via nada engraçado.

A seu ver, a trajetória acadêmica parecia mais competitiva que uma sala normal de futuros Enfermeiros, pois sempre um querendo ser melhor que outro. O que se espera é uma sala de aula normal, onde todos buscam os objetivos de se tornarem enfermeiros. Aquele comportamento dos colegas divergia das suas expectativas, pois nas aulas, os grupinhos se formavam para lá e para cá, sem falar das “panelinhas” que sempre a neutralizavam, causando-lhe ansiedade para terminar logo o semestre. Para Ana Júlio todo semestre era desafiador, “um deserto a percorrer”.

O choque cultural deixou Ana Júlio muito abalada, influenciando-a no seu rendimento, mesmo que ela não sonhasse ser a melhor ou fazer parte delas. Ela queria somente prosseguir e concluir a sua graduação, até porque o seu modo de vida nem a permitia, ainda que desejasse muito tudo aquilo para si. A maioria dos seus colegas não se encontravam nas mesmas condições que a de Ana Júlio, de trabalhar e estudar para sobreviver. Aqueles que trabalham moram na casa dos seus pais e nem tão pouco pagam a faculdade.

Apesar da correria do dia a dia, Ana Júlio sempre se esforçou bastante para não ficar aquém dos seus colegas, mas para alguns professores, o seu esforço parecia não ser suficiente, quando insinuavam “burrice”. Por não gostar de confrontos “engolia a seco”, pois sempre acreditou em si e não simplesmente no que as pessoas acham ou falam sobre ela. Ana Júlio precisava ser forte.

Por vários momentos, passou pela vontade de Ana Júlio desistir do curso e abandonar a enfermagem, mas em todos os momentos ruins sempre ela secava as lágrimas e continuava a caminhada. Durante o percurso a reconfortava lembrar que, “nem sempre as coisas fáceis dão

bons resultados”. Como tudo na vida de Ana Júlio foi doloroso, era sempre bom lembrar disso para prosseguir.

No que se refere ao choque com uma cultura diferente da cultura de origem do imigrante, e o fato de não encontrar apoio e incentivo para resguardar suas origens, emerge na relação com o outro, um grande impacto cultural nesse imigrante, já que o mesmo precisa se sentir incluído em um novo espaço, além de lidar com hábitos e costumes diferentes do seu povo, incluindo uma nova língua (CUNHA, 2015).

Para Monteiro *et al.* (2016, p. 2) existe “um impacto nos processos de integração, que influenciam na saúde e bem-estar: diferenças culturais relativas a valores estruturais e as formas de sociabilidade; religião; barreira linguística; experiências concretas de exclusão.” Assim, revela-se a influência “de fatores, como as barreiras linguísticas e culturais, a perda de apoio social e dificuldades de integração acadêmica nos estudantes internacionais do ensino superior”, mas que podem ser minimizados com adoção de estratégias que facilitem a integração. O suporte entre estudantes nas mesmas circunstâncias, apesar de nacionalidades e culturas diferentes pode ser uma estratégia positiva de integração.

De acordo com Coelho; Silva (2015), as dificuldades de viver em um país diferente também são minimizadas quando o estudante se reporta ao objetivo que o levou ao Brasil, a conquista de um diploma de curso superior. Frente à oportunidade de conhecer nova cultura, faz com que os obstáculos, os sofrimentos, a saudade e o estranhamento sejam aliviados.

3.3 A Trajetória Quase final: Vislumbrando Novos Caminhos

Agora já na reta final, mais adaptada no Brasil com sua cultura e o meio de vida e hábitos dos brasileiros, Ana Júlio consegue lidar com as adversidades que se apresentam, tanto na fase final do curso como na vida pessoal. Ela segue firme para novas oportunidades que a vida irá lhe proporcionar e grata ao Brasil, não só pela formação como em tudo que viveu neste país, tanto pelo lado negativo quanto pelo positivo.

Neste momento, de finalização deste TCC para encerrar esta etapa e finalmente, obter a tão sonhada conclusão do curso. O sentimento de Ana Júlio é de expectativa de ajudar outros acadêmicos, não somente africanos, mas também estrangeiros de outras nacionalidades em busca de seus sonhos. Eles devem lembrar sempre que no final tudo dá certo e que as dificuldades tornam as pessoas mais fortes e capazes de alcançar o que elas desejam. Por isso é necessário acreditar em si mesmas, deixar suas cidades de origem e imergir para o desconhecido por um sonho que julga ser importante para etapas das suas vidas.

Hoje aos 30 anos e pensando em toda sua trajetória Ana Júlio reforça que valeu muito a pena tudo que viveu, não se arrepende e é muito grata ao Brasil por ter lhe dado muitas oportunidades e a melhor delas foi ter conquistado a sua graduação em enfermagem em uma instituição que prima pela qualidade e pelo valor ao ser humano e que coloca o “conhecimento a serviço da vida”.

Para Ana Júlio foi bom tudo que viveu, tudo que aprendeu e que ainda aprenderá neste país, não esquecerá jamais. Cada detalhe da sua experiência e correr atrás de tudo que um dia sonhou além da enfermagem. Ao finalizar esta etapa de sua trajetória, Ana Júlio quer deixar um pouquinho de si na expectativa de ajudar outros acadêmicos africanos ou de qualquer nacionalidade, para que persistam e jamais desistam dos seus sonhos. Para isso é necessário lembrar do seu foco na diáspora: “dificuldades passarão, mas não morrerão nela”. Ao final permanecerão vivos para contar suas histórias.

As dificuldades passarão, assim como passaram para Ana Júlio e para outros também. Hoje Ana Júlio sente-se mais segura de poder avançar para outras metas e desafios. Agora ela se sente mais forte e madura, não aprendeu simplesmente uma grade curricular disponibilizada pela universidade, mas sim uma grande lição de vida e experiência que levará consigo a vida toda.

A experiência no Brasil permitiu que Ana Júlio vislumbre seu retorno à sua cidade natal com uma visão ampliada, com outros parâmetros de outra sociedade, sua cultura, hábitos, culinárias e seu modo de vida, em tudo aprende um pouco no decorrer desta estadia. Com isso, Ana Júlio vislumbra outros horizontes, pois viver em país estrangeiro possibilita agregar amadurecimento, sendo oportuno rever os valores e preceitos cruzando oceano em busca do desconhecido de novos conhecimentos e oportunidades.

Ao vislumbrar o futuro fora do Brasil, Ana Júlio destaca que em Angola, ultimamente tem sido difícil ingressar nos serviços de saúde por meio de concurso público, visto que a corrupção é grande e os poucos concursos servem apenas como meio de garantir o cidadão pertencente ao partido político que está no poder. Dessa forma, garante-se também um bom emprego, estudar em universidades públicas, bolsas de estudo do governo, entre outros benefícios. Aqueles que não se enquadram nessa realidade, pagam propina e muitos acabam caindo em “burlas”, não alcançando seus sonhos e ainda tendo que deixar o seu país para ir em busca de melhores condições de vida e de estudos.

Ainda que existam todas essas dificuldades, há sonhadores acreditando na mudança, mesmo que aconteça daqui a trinta ou quarenta anos. Apesar dos quarenta anos decorridos da independência, as dificuldades só têm aumentado, como a falta de oportunidades em todas as

áreas, mas Ana Júlio crê que isso não é para sempre. Frente a realidade, muitos acabam saindo de estado ou mesmo do país em busca de oportunidades. Ao regressar conseguem na sua maioria, construir seus negócios, gerando empregos para a população, outros acabam se estabilizando e ficando, definitivamente em seus países de migração, já que se adaptaram à nova condição de oportunidades e sonhos realizados.

Como acadêmica de enfermagem quase graduada pela PUC Goiás, Ana Júlio tem a expectativa de atuar na área da saúde, tanto no Brasil quanto em outros países como forma de compartilhar os conhecimentos e as experiências adquiridas na graduação, já com foco na educação continuada por meio do ingresso em uma especialização para dar credibilidade à sua atuação profissional e pessoal.

4 CONSIDERAÇÕES

Realizar esta narrativa de vivência, oportunizou à Ana Júlio passar por reflexões e perceber que sua trajetória de migração e acadêmica foi construída, desde o início, de forma guerreira e ativa, apesar das adversidades, pois em cada em cada fato, em cada acontecimento, em cada experiência revivida em sua memória, levou-a se tornar mais forte e mais independente também. A idas e vindas revisitando passado e presente criou um espaço para a construção de sua identidade como imigrante no Brasil, possibilitando melhorar sua interlocução com sua cidade natal.

Face aos resultados, esta narrativa pode contribuir com reflexões e discussões sobre a importância do profissional enfermeiro para a comunidade de Benguela e acadêmicos africanos e de outras nacionalidades que enfrentam inúmeras dificuldades, como aquelas apresentadas neste relato. Por isso reforça-se a necessidade de manter viva a persistência para realização de sonhos e objetivos na diáspora.

Ante a trajetória narrada neste contexto, a mesma contém sugestões que podem ajudar aos profissionais de saúde de Benguela a se tornarem mais críticos quanto à necessidade de intervenções na saúde para melhorar o acesso e qualidade da mesma para a população. A enfermagem pode ser mais proativa nos serviços de saúde para que assistência chegue à população mais carente. Além disso, espera-se que este estudo sirva de reflexões positivas para futuros acadêmicos de enfermagem que almejam deixar seus países para realizar o seu sonho.

No momento oportuno Ana Júlio regressará à Benguela e diante deste futuro ela vislumbra parceria com colegas e professores da PUC Goiás na elaboração de projetos visando a melhoria da saúde de sua comunidade, uma das razões pela qual deixou seu país para cursar enfermagem. Ela sugere a construção de um consultório de enfermagem em Benguela com foco em todas as classes sociais com empatia e amor para um bom cuidado de enfermagem e que não dependa, exclusivamente verbas governamentais.

REFERENCIAS

ANGOP. Saúde em Benguela. **Jornal de Notícias**. Benguela, 2018. Disponível em: www.angop.ao. Acesso em: 28 de outubro de 2020.

BAENINGER, R. *et al.* **Atlas temático**:- observatório das migrações em São Paulo – Migrações internacionais. Campinas, SP: Nepo/Unicamp, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880005603>. Acesso em 5 de Out de 2020.

BAPTISTA, T.; MARIA, D. Migração metrópole o caso dos angolanos em São Paulo. **Caderno Metrópole** PUC São Paulo, n. 17, p. 103-118, junho, 2007. Disponível em: www.redalyc.org/articulo.ao. Acesso em: 9 de Set de 2020.

COELHO, E. M. B.; SILVA, A. da. Ser africano e negro no Brasil: estudantes africanos na UFMA. **VII Jornada Internacional - Políticas Públicas**. Centro de Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas. 2015.

CUNHA, M. A. de. O problema do aluno imigrante: escola, cultura, inclusão. **Educere**. 2015. XII Congresso Nacional de Educação. Formação de Professores, Complexidade e Trabalho Docente. IX Encontro Nacional Sobre Atendimento escolar. III Seminário Internacional de Representações Sociais – Educação. V Seminário Internacional Sobre Profissionalização Docente – SIPED- Catedra UNESCO. PUCPR, 2015.

GIROTO, G.; PAULA, E. M. A. T. Emigrante refugiados no Brasil. **Revista Currículo**, João Pessoa, v. 13, n. 1, p. 164-167, 2020. Disponível em: www.v10.22478/ufpb.1983-1579.2020v13n1.43867 <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php>. Acesso em 29 de set. 2020.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA DE ANGOLA. Benguela, 2018. Disponível em: www.ine.gov.ao. Acesso em: 04 de novembro de 2020.

MELO, F. M. S. de. *et al.* Experiências de estudantes internacionais ao gestar longe do seu país de origem. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.15446/av.enferm.v36n3.65010>. Acesso em: 26 de novembro de 2020.

MONTEIRO, A. P. T. A. V. de. *Et al.* Diversidade cultural e enfermagem: experiências de inclusão e/ou exclusão de estudantes estrangeiros no Ensino Superior em Coimbra. Jun. 2016. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/303924019>. Acesso em 26 de novembro de 2020.

POLICIA FEDERAL (Brasil). Divisão de cadastro e registros de estrangeiros. Brasília, 2015. Disponível em: www.pf.br. Acesso em 29 de Set. 2020.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS. Escola de Ciências Sociais e da Saúde (ECISS). Curso de Graduação em Enfermagem. **Projeto Pedagógico do Curso de Enfermagem**, 2013.

SIVA, D. G. V.; TRENTINI, M. Narrativa como técnica de pesquisa em enfermagem. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**. São Paulo, v. 10, n. 3, p. 424-427, maio-junho, 2002. Disponível em: www.eerp.usp.br/elaenf. Acesso em 7 de set. 2020.

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA, Unilab. Disponível em: www.dec.mre.gov.br. [htt://repositorio.unilab.edu.br](http://repositorio.unilab.edu.br). Acesso em 7 de Set de 2020.